



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

VIVIANE BEZERRA DE LIMA

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO: OBSERVAÇÕES
QUE MOTIVARAM MUDANÇAS DE PRÁTICAS PEDAGOGICAS

Campina Grande – PB

2017

Viviane Bezerra de Lima

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO: OBSERVAÇÕES
QUE MOTIVARAM MUDANÇAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB – Campina Grande PB, como
requisito para a obtenção do título de
Pedagoga

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de S. Melo

Campina Grande

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732e Lima, Viviane Bezerra de.
O Estágio Supervisionado como espaço de reflexão
[manuscrito] : observações que motivaram mudanças de
práticas pedagógicas / Viviane Bezerra de Lima. - 2017.
29 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza
Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Estágio Supervisionado. 2. Educação Infantil. 3. Práticas
Pedagógicas.

21. ed. CDD 371.225

Viviane Bezerra de Lima

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO:
OBSERVAÇÕES QUE MOTIVARAM MUDANÇAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB – Campina Grande PB, como
requisito para a obtenção do título de
Pedagoga

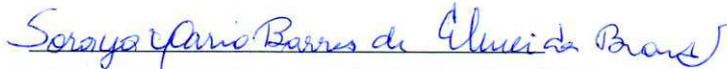
Aprovado em: 07 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA



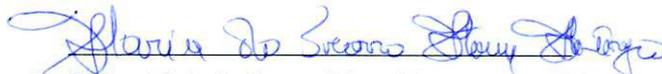
Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo – UEPB

Orientadora



Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão – UEPB

Examinadora



Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro – UEPB

Examinadora

Dedico,

Aos meus filhos, meu anjo Vinicius Gabriel por todo amor a mim dedicado durante os treze anos e seis meses aqui compartilhados, e a Victor Rafael por me ensinar a cada dia o valor do amor.

AGRADECIMENTOS

À Deus por insistir em me levantar dos tropeços que a vida me deu durante este curso.

A minha família que esteve sempre ao meu lado, em especial meus filhos que são a razão da minha vida, Victor Rafael e Vinicius Gabriel (in memorian), ao meu esposo Moizes companheiro de todas as horas, a minha mãe Maria Zuleide, meu exemplo de perseverança, às minhas irmãs e irmão, aos meus sobrinhos, em especial Matheus e Paulinho.

A minha irmã e professora Dr^a Elvira Bezerra de Lima pela ajuda e incentivo durante todo o curso.

A minha orientadora e professora Dr^a Glória Maria Leitão de S. Melo, pela paciência e dedicação para comigo.

As professoras Dr^a Soraya Brandão e Dr^a Socorro Montenegro, que fazem parte da banca examinadora, por me darem a honra de participarem deste momento impar em minha vida.

A Silvilene Márcia, Maria Divina, Anne Caroline e Marta Valeria, as amigas que conquistei na universidade e que irei levar pela vida inteira, por tudo que enfrentamos juntas e unidas durante este curso.

E a todos os professores que direto ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	10
2.1 O Estágio na formação do professor da Educação Infantil.....	12
3 O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA REFLEXÃO AO REDIMENSIONAMENTO DO MEU FAZER DOCENTE – DIÁLOGOS POSSÍVEIS.....	14
3.1 Breves considerações sobre o campo de Estágio.....	14
3.2 Nossa experiência docente: prática em processo de redimensionamento.....	16
3.3. Diálogo com o que eu observei, com o que vivia e acreditava na minha prática.....	19
3.4. Diálogo com as professoras da instituição/turma campo de Estágio.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

RESUMO

O presente trabalho, realizado a partir do Estágio Supervisionado III do curso de Pedagogia da UEPB, tem por objetivo refletir sobre contribuições do referido Estágio, para o redimensionamento de uma experiência docente (minha própria experiência), neste mesmo nível de educação. Ocorrido numa instituição pública de Educação Infantil, o Estágio de Observação, como também se denomina, tem como objetivo a observação da realidade organizacional da creche e da Pré-Escola, em seus aspectos sociais, políticos e pedagógicos. Envolvendo crianças na faixa etária entre 02 e 03 anos, o Estágio foi realizado na Creche Amenaíde Santos, localizada no bairro Santa Rosa, na cidade de Campina Grande-PB, no ano de 2016. No que se refere ao percurso metodológico, optamos por uma abordagem de natureza qualitativa, e por uma pesquisa-ação. Durante o período de estágio pudemos entender a relevância dessa experiência para consolidação dos conhecimentos adquiridos durante toda a vida docente, na condição de futuros pedagogos. Dessa forma, os Estágios Supervisionados tornam-se imprescindíveis no processo de formação docente, pois oferece condições para uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor. A realização do estágio na Educação Infantil, seja ele de observação ou de atuação, é importante para que profissionais não cristalizem visões idealizadas da prática educacional, por vezes utópicas, mas uma visão respaldada no contato direto com as crianças e nas relações com o cotidiano escolar. Ademais, o Estágio também possibilita, a quem já exerce o magistério, visitar seu próprio fazer docente, com vistas no redimensionamento deste fazer. Concluímos, dentre outros, que faz-se necessário o Estágio na formação acadêmica de profissionais da educação, e que o exercício reflexivo deve ser cada vez mais intensificado nessa experiência que ultrapassa os muros acadêmicos

Palavras Chave: Estágio Supervisionado; Educação Infantil; Prática Pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

A experiência do estágio é essencial para a formação integral do aluno, considerando que cada vez mais são requisitados profissionais com habilidades e bem preparados. Ao chegar à universidade o aluno se depara com o conhecimento teórico, porém muitas vezes, é difícil relacionar teoria e prática se o estudante não vivenciar momentos reais em que será preciso analisar o cotidiano (MAFUANI, 2011).

Segundo Bianchi et al. (2005) o Estágio Supervisionado é uma experiência em que o aluno mostra sua criatividade, independência e caráter. Essa etapa lhe proporciona uma oportunidade para perceber se a sua escolha profissional corresponde com sua aptidão técnica. Esta atividade é oferecida nos cursos de licenciatura a partir da segunda metade dos mesmos, quando o graduando já se encontra inserido nas discussões acadêmicas para a formação docente e ela é apenas temporária.

No processo de reelaboração do Projeto Pedagógico de Curso (PPC), do curso de Pedagogia da UEPB, ocorrido em 2015, apenas os Estágios inerentes à formação em Educação Infantil foram condensados em um único Estágio, passando o curso a oferecer cinco Estágios obrigatórios. Assim, com carga horária ampliada os estágios correspondentes à essa formação passam a ser denominados de Estágio III. Estas alterações, portanto, só passarão a ser vivenciadas por alunos (as) ingressantes no Curso de Pedagogia, a partir do semestre 2016.1 No contexto de elaboração do presente estudo, pudemos vivenciar os seis Estágios, sendo um por semestre letivo. Vale ressaltar que esta condensação não anula o período de observação que caracteriza o Estágio III. Apenas ocorreu uma mudança na dinâmica dos Estágios relacionados com a formação em Educação Infantil, no sentido de aproximar, em um único semestre, com carga horária ampliada, ações que ora se distanciavam de possibilidades de atuação/intervenção docente, para ações que pudessem unir observação, reflexão, atuação. Dessa forma, possibilidades de observação e diálogo com a realidade do campo de estágio, tornam-se possibilidades imediatas de atuação/intervenção. Estas últimas, não isentas das primeiras. Ou seja, ao atuar na condição de docente, o (a) aluno (a) estagiário também observa e dialoga, a partir da realidade vivenciada, com seu próprio fazer, com seu processo de formação de forma mais direta.

Os Estágios citados neste artigo estão de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) vigente até o semestre 2015.2. Nele, são estabelecidos 06 (seis) componentes curriculares obrigatórios de Estágio. São eles: Estágios I e II (que são os Estágios de Gestão); Estágios III e IV (Estágios específicos da formação em Educação Infantil); Estágios V e VI (Específicos da formação docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental). Neste estudo, tomaremos como base de discussão o Estágio III¹, que na formação em Educação Infantil dedica-se à observação do fazer docente, bem como a observação de outros aspectos pedagógicos, curriculares, estruturais e de funcionamento, possíveis de serem observados e analisados no transcurso deste estágio. Além das observações, o (a) aluno (a) é orientado (a) a coparticipar de atividades inerentes à rotina pedagógica das turmas observadas, sem, no entanto, interferir nesta rotina ou assumir uma ação docente. Esta coparticipação não isenta o (a) estagiário (a) de manter sua

¹ A professora Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão foi ministrante deste componente curricular, na ocasião em que cursei, assumindo, conseqüentemente, a condição de Orientadora de Estágio.

postura de observador, no diálogo com a realidade observada. A observação é, pois, a tônica do Estágio III. No Estágio IV, o aluno elabora um Projeto de Atuação e Intervenção Docente – PAID, onde vive a experiência docente. No Estágio III costuma oferecer, a (ao) aluna (o) estagiária (o) subsídios para elaboração e condução deste Projeto.

A dinâmica do Estágio III organiza-se da seguinte forma: o componente é desenvolvido em sala de aula, momento em que os (as) alunos (as) tomam conhecimento da dinâmica do Estágio, bem como se apropriam de textos que apresentam a base legal/regimental do Estágio, e de textos relacionados à formação do (a) professor (a) da Educação Infantil; ainda em sala de aula, e a partir de textos difundidos na literatura corrente, leituras e discussões, que subsidiam o processo de reflexão e diálogo, quando da observação de práticas pedagógicas/curriculares, e de aspectos estruturais e de funcionamento, de instituições que oferecem este nível de atendimento, numa espécie de preparação para a futura atuação docente do aluno estagiário, no Estágio subsequente (O Estágio IV). Foi nesse contexto desta dinâmica, mais especificamente no período do encontro com a realidade institucional da Educação Infantil, ou seja, no campo de estágio, para observação, que encontrei motivações para o redimensionamento do meu próprio fazer docente. Pois, durante a vivência do Estágio III, já atuava como professora da Educação Infantil.

O Estágio Supervisionado de Observação tem, como foco principal, preparar o (a) estagiário (a) para a execução de atividades na escola, a partir da observação, seja da estrutura das instituições, da prática docente, da convivência com as crianças, e entre as crianças, dentre outros, sempre por meio de análises/avaliações críticas. Para os (as) estagiários (as) este processo de observação é inevitável, tanto para os que desejam enfrentar os desafios impostos na carreira docente, como para os que já exercem a docência. É de fundamental importância o contato com outras realidades, o exercício de se ver através do outro, de busca, de auto avaliação, de ter sensibilidade para extrair da prática pedagógica observada o melhor para o seu fazer pedagógico.

Ademais, o Estágio Supervisionado III tem como objetivo a observação da realidade organizacional da creche em seus aspectos sociais, políticos e pedagógicos fazendo a conferência com os documentos oficiais e os teóricos trabalhados no componente curricular Educação Infantil I, sendo de suma importância para todas as alunas que não tem experiência de sala de aula mas também para quem já está inserido na

docência como uma possibilidade de observar outras realidades ou esferas de ensino, principalmente entre as esfera pública e a privada.

A realidade da Educação Infantil oferecida pela esfera pública é muito diferente da realidade da Educação Infantil da rede privada de ensino. Na rede pública, podemos destacar alguns pontos como: a organização e estrutura física da instituição, o fazer pedagógico, o número significativo de funcionários, as rotinas estabelecidas pela as educadores, enfim, um choque de realidade de forma positiva. Mesmo com experiência docente na Educação Infantil na rede privada de ensino, a nossa experiência na condição de aluna estagiária, na creche pública, oportunizou-me a um deslumbramento frente a outras possibilidades de atuação e trabalho neste nível da educação. As palavras de Pimenta (2004) podem ser aqui utilizadas, quando esta ressalta que o processo de atuação docente, no estágio, há possibilidade para ressignificação de identidades profissionais, de saber extrair o melhor do outro a fim de melhorar sua prática docente

Segundo Pimenta e Lima (2004), compete aos cursos de formação possibilitar aos futuros professores a compreensão da complexidade das práticas e ações praticadas pelos profissionais, como alternativa no preparo para a inserção profissional. Isso pode ser conquistado se o estágio for articulado a todas as disciplinas, a fim de formar professores críticos e analíticos.

Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo analisar contribuições do Estágio de Observação (Estágio III), ocorrido numa instituição pública de Educação Infantil, para o redimensionamento de uma experiência docente (minha própria experiência), neste mesmo nível de educação, desenvolvido numa instituição da esfera privada de ensino, ambas localizadas na cidade de Campina Grande – PB.

No percurso metodológico delineado, optamos por uma abordagem de natureza qualitativa, e por uma pesquisa-ação, que de acordo com Lakatos (2006), partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas (conexão ascendente), ou seja, que fornece diversas informações sobre o papel da creche na formação da criança.

O corpus da investigação partiu do diário de bordo no qual pude registrar as ações executadas pelas professoras da creche, mesmo que por um período curto, mas que me fizeram refletir a respeito de uma prática adotada até então. A partir dessas análises procurei abordar de forma diferenciada o fazer pedagógico na Educação Infantil.

A vivência na escola em que atuo como professora de Educação Infantil no Centro Educacional Turminha do ABC, é bem diferente da realidade observada na Creche Amenaíde Santos: enquanto uma busca o incentivo à leitura e à escrita como foco principal nas turmas do infantil IV e V, com crianças de 4 e 5 anos de idade, a outra foca em um aprendizado de cunho social, com crianças da mesma idade. Embora a escola realize um trabalho semelhante de socialização, ela dá ênfase às atividades de leitura e escrita.

Por fim, almejamos que este trabalho possa se tornar um convite para o debate acerca do papel dos estágios nos cursos de formação de professores, apesar de entendermos que essa discussão pode ser complexa. Compreendemos, ainda, que um bom professor não se faz apenas com teorias, mas principalmente com a prática, pela ação-reflexão, diálogo e intervenção, em busca constante de um saber teórico e prático. Do contrário, o saber docente não é só formado pela prática, mas nutrido por teorias.

2. O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006), firmadas no Parecer de 15 de maio de 2006, preconizam que, além das aulas ofertadas nesse curso, a consolidação da formação dos acadêmicos deve ser realizada por meio de estudos individuais e coletivos, práticas de trabalho pedagógico, de monitoria, de Estágio Supervisionado Curricular, pesquisas de extensão, participação em eventos e outras atividades acadêmico-científicas. Nesse sentido, é nítida a relevância atribuída aos Estágios Curriculares Supervisionados durante o processo de formação do pedagogo, os quais devem conter no mínimo 300 horas, distribuídas entre Estágio Supervisionado em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, podendo ainda contemplar outras áreas específicas conforme o que determina o projeto político pedagógico da instituição UEPB.

“O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação profissionais, em contraposição à teoria” (PIMENTA, 2004, P. 33). Sempre ouvimos que nas Universidades aprendemos a teoria e quando nos deparamos com as realidades das Creches e Escolas e que vamos adquirir a prática que é bem diferente, mas na verdade nem a academia fornece totalmente a teoria, nem o estágio nos fornece o aporte necessário para a prática, o cerne dessa discussão é que teoria e prática se

complementam, que não basta ter anos de experiência na docência, tampouco um embasamento teórico farto sem ter a prática.

O estágio é uma prática de aprendizado por meio do exercício de funções referentes à profissão que será exercida no futuro e que adiciona conhecimentos práticos aos teóricos aprendidos nos cursos. O Estágio Supervisionado torna-se imprescindível no processo de formação docente, pois oferece condições aos futuros educadores, em específico aos estudantes da graduação, uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor e, a partir desta experiência os acadêmicos começarão a se compreender como futuros professores, pela primeira vez encarando o desafio de conviver, falar e ouvir, com linguagens e saberes distintos do seu meio, mais acessível à criança (PIMENTA, 1997).

Tornar-se professor envolve muito além de uma racionalidade teórico-técnica, de aprendizagem meramente conceitual e metodológica. É necessário muito mais que isso, visto que, na prática, o professor deparar-se-á com histórias de vida, afetividade, crenças e valores dos educandos. Segundo destacou Pacheco (apud, Furlanetto 2003, p. 12), “O modo como cada professor enfrenta uma situação didática depende muito de sua individualidade psicológica, a partir da qual a interpreta e lhe atribui significados”.

Para o profissional do magistério, um curso de formação docente deve compreender o sentido da disciplina Estágio Supervisionado como uma formação contínua. Os professores-alunos devem trabalhar as atividades do estágio no campo específico da Pedagogia, por meio da didática; perceber que os problemas serão debatidos a luz de uma fundamentação teórica atrelada a uma prática docente que, por sua vez não é algo acabado, vive em constante construção de acordo com a demanda da sociedade.

O estágio para quem já exerce a docência se configura como uma reflexão de suas práticas pedagógicas por meio do embasamento teórico, de seus saberes docentes e da produção do conhecimento. O professor-aluno insere-se num espaço voltado para o diálogo, aprender lições, descobrir caminhos, superar obstáculos, que acabam por facilitar a aprendizagem dos alunos. A práxis docente se refere não apenas ao domínio dos conteúdos em várias áreas do saber, mas também na prática didático-pedagógica e na política na qual essa prática se insere.

“A profissão docente por se basear na relação entre pessoas, é permeada pelos afetos, pela simpatia/antipatia que acompanham as relações. Ser profissional da educação significa experimentar sentimentos” (OSTETTO, 2008, p. 136). Nessa perspectiva,

compreendemos que toda criança tem o direito de encontrar na escola um ambiente com oportunidades concretas para que elas possam se desenvolver plenamente. A afetividade é primordial no contexto da sala de aula. A criança precisa se sentir segura, amada e respeitada pelo professor para que ela experimente o desejo de aprender.

A sociedade passa por várias transformações na maneira de agir, pensar e sentir das novas gerações e os educadores, como envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, também necessitam estar em constante transformação e o estagiário começa a sentir este mundo da qual fará parte no primeiro contato: o promovido durante a prática de estágio. Além dessas transformações sociais existem também as mudanças no meio de comunicação e nas tecnologias e, tudo isso, demanda um profissional da educação diferente, com uma prática reflexiva e o estágio poderá dar essa primeira noção do mundo no meio educacional.

A educação deve debelar a integração com o outro, não apenas professor com professor, mas também professor e estagiário. Compartilhar a maneira como trabalha, a forma como encaminha o trabalho, são sugestões que somam à bagagem que o acadêmico está formando para que possa desempenhar sua tarefa com mais segurança. Ser profissional da educação requer um trabalho com objetividade: educar para incluir e elevar-se socialmente, levando em consideração a complexidade de todas as formas que nos rodeiam para conhecer e entender, para mudar com consciência este mundo na qual nos encontramos inseridos.

2.1 O Estágio na formação do professor da Educação Infantil

A formação em Educação Infantil no Brasil teve início em 1835 com a criação da primeira Escola Normal, em Niterói, na então Província do Rio de Janeiro. As mulheres ingressavam nas escolas normais com a finalidade de exercer a maternidade. Em 1932, surgiram os institutos de Educação, com novas experiências didático-metodológicas. Na década de 1960, foi sancionada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 4024/61, que não alterou muito o Ensino Normal. De acordo com Azevedo e Schnetzler (2010), as instituições de Educação Infantil tinham caráter assistencial, por isso não exigiam a preparação profissional daqueles que atuavam com a criança pequena naqueles espaços.

Em 1982, foi criado pelo Governo Federal o Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM) para garantir melhoria na formação dos

professores. Na década de 1990, foram instituídos os cursos na modalidade superior destinados à formação de professores para a Educação Infantil e para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Com a promulgação da LDB, Lei nº 9394/96, a formação do professor para a Educação Infantil passou a ser incluída em nível superior (BRASIL, 1996). Com isso, muitos professores procuraram uma formação superior nos cursos de licenciatura. Por outro lado, o número de cursos do magistério ofertados caiu de forma significativa.

Ostetto (2000) assevera que, antes de 1996, não tínhamos uma legislação que normalizasse a formação dos professores em Educação Infantil, principalmente nas creches. Machado (2000) corrobora afirmando que, antes da LDB 9394/96, os cursos que formavam professores não incorporavam os temas referentes aos cuidados e à educação de bebês.

Contudo, a alteração mais significativa para a formação na Educação Infantil ocorreu apenas uma década depois, com a aprovação da Resolução nº 1, de 15 de maio de 2006, que dispõe as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, que estabeleceu o curso acima citado como licenciatura, introduzindo professores para a Educação Infantil (BRASIL, 2006).

O Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, tem em seu currículo, duas disciplinas obrigatórias de Educação Infantil com os seus respectivos estágios, sendo um de observação denominado estágio III e um outro de intervenção estágio IV.

Neste sentido, o Estágio Supervisionado na Educação Infantil é uma oportunidade para que os graduandos do curso de Pedagogia tenham contato com as crianças, interagindo e observando as relações entre professor e alunos na Educação Infantil, além de promover uma reflexão sobre o que aprenderam no curso, com a realidade das creches, vivenciando diferentes momentos da rotina estabelecida pelas instituições.

O estágio é um importante momento da formação de um professor. As atividades desenvolvidas permitem uma reflexão sobre as questões teórico-metodológicas que abrangem tanto a prática docente quanto o trabalho pedagógico na Educação Infantil. Contudo, nem sempre o estágio é visto como algo positivo por alguns profissionais de educação. Muitos são os obstáculos enfrentados pelos alunos de graduação ao chegarem a algumas instituições para realizarem seus estágios. Como por exemplo restrições em

fotografar os ambientes, conhecer de forma imediatas os espaços da instituição, além do contato com as crianças e até mesmo com alguns professores.

A realização do estágio na Educação Infantil, seja ele de observação ou de atuação, é muito importante para que não sejam formados profissionais com visões idealizadas da prática educacional. Obstáculos surgirão e as dificuldades devem ser superadas para que se possa chegar ao objetivo maior, que é a vivência com a rotina da creche.

3. O ESTÁGIO DE OBSERVAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DA REFLEXÃO AO REDIMENSIONAMENTO DO MEU FAZER DOCENTE – DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Em consequência do estágio de observação na Educação Infantil, de um olhar mais sensível a práticas pedagógicas adotadas na instituição observada, comparando com o fazer pedagógico até então seguido pela professora e aluna de estágio em questão, foi feito uma reestruturação de sua prática.

3.1 Breves considerações sobre o campo de Estágio

Iniciaremos este tópico fazendo um breve relato do que nos foi permitido observar na Creche Municipal Amenaíde Santos, situada à Rua: Presidente Costa e Silva, S/N, no Bairro de Santa Rosa- Campina Grande- PB. O estágio se realizou sob a orientação da professora Dr^a Soraya Maria B. de Almeida Brandão, conforme anteriormente mencionado, no componente curricular Estágio Supervisionado III, desenvolvido no período de 18 de Março a 29 de Abril no ano de 2016. A creche atende crianças entre dois e três anos, sendo separadas por idade, nas turmas do Infantil I e Infantil II, respectivamente, estando assim dentro das normas estabelecidas pelos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (BRASIL, 2006, p.35), que ressalta em seu volume II, “a organização em agrupamentos ou turmas de crianças nas instituições de Ed. Infantil é flexível e deve estar prevista na proposta pedagógica da instituição.” Ou seja, a divisão por faixa etária.

A referida creche tem um espaço físico amplo e bem organizado, situada em via pavimentada com excelente acesso e localização. Ela contém, na entrada uma guarita onde se posiciona o porteiro, a fim de ter o controle de quem entra e sai da instituição. Há um corredor que divide o espaço em direção, secretaria, cozinha, uma rouparia, os banheiros infantis, quatro

salas de aula, sala do soninho e do outro lado ficam os banheiros dos adultos, dois pátios para recreação, e o estacionamento.

O corpo docente da creche é composto por uma gestora, uma secretária, uma supervisora, uma psicóloga e treze professoras, sendo todas funcionárias concursadas e que trabalham a mais de cinco anos na creche. Com exceção da psicóloga, que é graduada em Psicologia e graduanda em Pedagogia, todas já são formadas em Pedagogia. Em relação ao quadro de apoio, é formado por prestadores de serviços contratados pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e não fomos informadas do número exato de prestadores, sendo composto por um porteiro, duas cozinheiras, e algumas funcionárias responsáveis pela limpeza.

A Creche Amenaíde Santos tem uma ótima estrutura, apresenta-se muito bem organizada, limpa e aconchegante. Tem também um aspecto visual muito agradável, decorado com temática infantil, de forma a deixar as crianças a vontade no espaço.

Em relação ao horário de atendimento, a instituição funciona de acordo com o ordenamento legal, ou seja, “As instituições de Educação Infantil funcionam durante o dia, em período parcial ou integral, sem exceder o tempo que a criança passa com a família”. (BRASIL, 2006, vol. II, p.34).

Quanto aos objetivos do PPP na instituição observada, notamos que, em termos gerais, ele está diretamente relacionado ao desenvolvimento do processo educativo das crianças, atendendo as necessidades cognitivas, afetivas, psicológicas e sociais. Sua proposta contribui, de forma efetiva, para que as crianças estabeleçam relações com a realidade em que vivem, como o meio familiar e com todos os indivíduos com quem convivem em seu cotidiano. É através destas relações que as crianças passam a ser e compreender o mundo, o que vem a lhes auxiliar na construção do seu conhecimento e no seu desenvolvimento. Neste sentido, compreendemos que cabe a escola facilitar essa leitura e compreensão, possibilitando no processo inicial de escolarização, o reconhecimento pela criança de sua própria história de vida, resgatando a importância das suas ações e atitudes no processo de construção da história da humanidade, estimulando também sua autoestima.

É de fundamental importância para todos que fazem parte do espaço escolar a priorização do conjunto de ações que auxiliem os profissionais na reflexão sobre as condições de aprendizagem oferecidas e no ajuste das práticas para melhor atender às crianças em um contexto geral. As metas no PPP acima mencionado da instituição observada a longo prazo são: aprimorar continuamente o fazer pedagógico para atender de forma eficaz às necessidades das crianças e promover ações que envolvam a comunidade e formações continuadas para os

educadores que possibilitem garantir a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. Já a curto prazo as metas são: fortalecer continuamente a participação dos pais na instituição, estabelecendo um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras nos projetos desenvolvidos, promovendo o contato com o mundo material, as oportunidades para sua exploração. Em suma, aprender a elaborar seus próprios conhecimentos.

Outro ponto que também nos chamou muito a atenção no PPP da creche Amenaíde Santos encontra-se nos Anexos e está registrado com o título “PROJETO MÃE”. Neste projeto, a escola vem propor o resgate dos valores éticos, como o respeito, a obediência e a compreensão no relacionamento entre mães e filhos, buscando assim, o resgate da valorização da família pelo educando.

À luz do que podemos observar, a creche é bem organizada, e os profissionais trabalham em conjunto, um complementando o trabalho do outro, o que faz com que o ambiente seja harmonioso dando vontade de fazer parte dessa equipe. Por outro lado foi um choque de uma realidade até então desconhecida, pois por fazer parte da rede privada de ensino, como destaquei anteriormente, não conhecia o dia a dia de uma instituição infantil pública com o seu fazer pedagógico voltado para o lúdico, para o brincar, que fez com que uma prática adotada fosse revista.

O encantamento com o fazer pedagógico presenciado naquela instituição me fez fazer um auto avaliação do meu próprio agir em sala de aula, o que só veio a acrescentar o aprendizado até aqui adquirido na academia, estudar uma teoria e vivenciá-la é de suma importância na vida profissional de qualquer indivíduo.

3.2 Nossa experiência docente: prática em processo de redimensionamento

Depois de quatro anos dedicados às séries iniciais do Ensino Fundamental², nos deparamos com uma proposta inusitada e de certa forma desafiadora: trabalhar com crianças pequenas do maternal. A princípio, não tinha noção do que trabalhar nem como trabalhar, mas, por ocasião do componente curricular, Estágio III, no curso de Pedagogia, pude absolver conhecimentos que me fizeram refletir sobre a minha prática. O fazer pedagógico era embasado no cuidar, pois o educador deve estar sempre atento e vigilante

² Vale ressaltar que antecedendo a experiência na Educação Infantil, também vivenciei experiência no Ensino Fundamental nos seguintes anos: 2º, 3º e 4º contribuindo assim para esse olhar mais crítico.

às rotinas estabelecidas em suas salas, para que não se transformem em uma rotina mecanizada, guiada por regras e imposições. As crianças são seres complexos, em sua interação social, física e cognitiva. Portanto, temos que compreender que o cuidar e o educar devem estar inseridos no espaço e no tempo da criança.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DNCEI), Resolução CNE/CEB nº 5/2009, seu art. 4º, coloca a criança como sujeito histórico e de direitos, que interage, que fantasia, que brinca, que observa, que constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009). Portanto, a prática que adotamos no ano de 2013, na sala do maternal, não estava de acordo com o que estabelece as DNCEI.

A prática utilizada até então, nesta escola, era de um fazer por imposição, sem uma conversa introdutória, sem uma contação de história dramatizada. Em alguns momentos, o brincar ocorria apenas como distração, sem um propósito. Mas, a inquietação com essas aulas, fez com o que o novo começasse a fluir em sala e aos poucos a busca incessante por conhecimento nos levou a mudanças.

“Refletir sobre o vivido é perceber as polaridades da vida: nem tudo alegria, nem tudo tristeza, nem só acertos, nem só erros, mas isso e aquilo” (OSTETTO, 2008, p.132). Nesse entendimento, se auto criticar e seguir rumo a uma mudança não é uma tarefa fácil, mas requer coragem e determinação. A leitura dos aportes teóricos, no processo de formação acadêmica (a exemplo dos suportes adquiridos em componentes curriculares, como: Educação Infantil I e II, e a A Infância e suas Múltiplas Linguagens), só vieram a corroborar com as transformações realizadas em sala de aula, juntamente com a observação realizada no Estágio III, dando assim o pontapé inicial para uma aula mais participativa tratando as crianças como sujeitos ativos nas atividades, brincadeiras, jogos, filmes e músicas, as rodinhas de conversas passaram a fazer parte da rotina, a leitura do alfabeto deu lugar a leitura da cartazes contando histórias não verbais, e as crianças agora são os leitores.

Uma simples atividade de identidade antes xerocopiada que explicava o sexo masculino e feminino, conforme (figura 1) passou a ser um cartaz produzido em sala, com uma criança deitada sobre a folha e as outras passando o giz de cera em volta da mesma para retratar o menino e a menina, em seguida o desenho ganhava cores com o uso de tinta guache. O que podemos destacar nessa atividade é o entusiasmo das crianças e a absolição do propósito do contexto de acordo com (fig.2), quando olharam para o

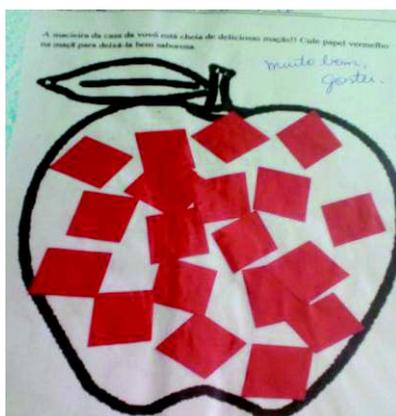
desenho logo souberam identificar se era a menina ou o menino, nomeando assim a criança desenhada.

Figura 1



Quanto à coordenação motora, era feita apenas com uso de papel e lápis, cobrindo desenhos, formas geométricas, nada de realizar atividades de psicomotricidade que até então não conhecia, nem rasgar papel como poderia ter sido feita esta atividade (fig. 2) que a professora deveria ter usado um papel mais fácil de rasgar como o crepom e incentivado as crianças a rasgarem para depois colar, ao invés de trazer já recortado mandando apenas que as crianças colassem.

Figura 2:



Além das leituras diárias do alfabeto na lousa, destacando as vogais de uma cor e as consoantes de outra, para chamar atenção das crianças, leitura dos numerais de zero a dez, sem que a crianças fizesse alusão do numeral ao número apenas decodificar o que estava escrito. Na amostra pedagógica foi montado todo um cenário sobre os animais que

poderia ter tido a participação dos alunos na pintura da marquete, por exemplo, mas eles ficaram apenas como espectadores apenas aprenderam uma música para se apresentarem no dia do evento, de acordo com a (fig. 3).

Figura 3:



3.3. Diálogo com o que eu observei, com o que vivia e acreditava na minha prática

A despeito do que foi observado na Creche Amenaíde Santos, frente a algumas práticas pedagógicas, concordamos e adotamos em nosso cotidiano a rodinha de conversa, a contação de história, a autonomia das crianças na hora do lanche, mas dentro do possível, dentro da proposta pedagógica da escola. A rotina da creche é muito diferente da rotina adotada nas escolas infantis da esfera privada. Na creche, as professoras trabalham muito com o lúdico, as crianças estão sempre envolvidas com atividades, jogos, brincadeiras, filmes, músicas e brinquedos pedagógicos.

Ao chegar na sala do infantil III, na creche campo de estágio, observei uma rotina em que as crianças iniciam seu dia com a troca de roupa e café da manhã. Depois socializaram um pouco com brinquedos dados pela professora, em seguida vão para o banco de areia duas vezes por semana, tomam banho, assistem um DVD, ou participam da rodinha de conversa para a contação de história, almoçam, retornam para sala, dormem. Para àquelas que só ficam meio período, chegou a hora de ir para casa.

Bem diferente da rotina estabelecida pela escola acima citada, campo da minha experiência/atuação docente. Lá, as crianças chegam já prontas para começarem a aula. Não havia este momento de interação nas rodinhas de conversas, apenas uma música de acolhida, e em seguida iniciávamos com uma atividade, no caderno, ou livro, a atividade era explicada e as crianças induzidas a realizarem. Os brinquedos eram usados na hora da

chegada e do intervalo, apenas como distração. Usávamos, também, as massinhas de modelar com o mesmo objetivo, todos os dias eram feitas duas atividades em sala e uma para casa.

Na creche, pudemos observar que não há o uso de cadernos, poucas são as atividades feitas com o uso de papel e lápis, porém, mais atividades de pintura, o que difere da prática adotada na escola da minha então experiência docente, cujas tarefas introduzidas exploravam letras e números para colorir, cobrir e fazer o traçado dos mesmos sozinhos. A escrita do nome dos alunos, leitura do alfabeto destacando vogais de consoantes, bem como dos números, era a preocupação maior. Ainda podemos ressaltar a contação de história, que muitas vezes era apenas uma breve leitura. Os cartazes eram sempre levados já prontos apenas para as crianças observarem ou fazerem uma pintura do que estava sendo exposto.

Participamos de um momento de contação de história na creche e foi bem interessante: as crianças interagiram com a professora, que ia envolvendo as mesmas no texto lido. Antes de começar uma nova história as crianças contavam com suas palavras o que foi lido no dia anterior. “ Na contação de história é usada uma boneca que está dentro de uma bolsa decorada, os alunos primeiro cantam uma música introdutória, depois a professora tira a boneca com a historinha do dia.” (Diário de campo do dia, 20/04/2016)

Na hora da chamada, a professora pega a ficha com o nome de cada um, e as crianças reconhecem seus nomes, levantam, pegam a ficha e colocam num lugar, indicado meninas de um lado e meninos do outro. Ao término da chamada todos contam quantos meninos e quantas meninas estão presentes.

Na escola Centro Educacional Turminha do ABC, a chamada era feita diretamente na caderneta, sem que as crianças visualizassem seus nomes, nem os nomes dos colegas. Os números eram lidos e não fazíamos a contagem dos mesmos. Nós, professoras, éramos cobradas, e ainda somos pelos pais, os quais buscam incessantemente por resultados de escrita e leitura, indagando sempre que” o meu filho não está aprendendo”.

“[...] No dia da furta, na hora do lanche, como de costume, as crianças ficaram sentadas observando a explicações da professora que nomeou todas as frutas por elas levadas, higienizou, começando assim a execução do texto lido anteriormente, salada de frutas, as crianças apenas observaram, e a educadora descascou, cortou, misturou e em seguida levou as crianças para higienizar as mãos para saborearem a salada.”(Diário de Campo do dia, 16/10/2013)

A aula foi “produtiva” ao passo de que algumas crianças que não comiam frutas passaram a comer e gostar, mas no que diz respeito à autonomia das crianças foi uma negação, ao nos depararmos com a hora do lanche na creche as crianças depois de passar pelo processo de higienização das mãos, de cantar, elas se levantavam uma a uma e se serviam, colocavam em seus pratos apenas o que gostavam e a quantidade que conseguiam comer. Inclusive, esta informação era lembrada a todo instante pelas professoras “ só coloquem no prato aquilo que irão comer.

Situações como estas descritas anteriormente neste tópico que faz com que o professor tenha uma flexibilidade em seu trabalho, e o seu planejamento diário deve seguir as necessidades das crianças, pois cada um aprende de acordo com o seu tempo. Na visão de Kishimoto (2002,p.18),

“ A linguagem nas crianças abaixo de 6 anos desenvolve-se nas situações de cotidiano, quando a criança desenha, pinta, observa uma flor, assiste a um vídeo, brinca de faz de conta, manipula um brinquedo, explora a areia, coleciona pedrinhas, sementes, conversa com amigos ou com o próprio professor, caracterizando a forma com que a criança constrói conhecimento através de experiências ampliadas.”

A criança expressa suas emoções, desejos e interesses, no cotidiano da sala de aula. O professor por sua vez deve estar atento a essas situações e explorar essas observações, a fim de proporcionar a construção dos saberes por meio do contato com o mundo e a mediação do professor, que por sua vez deve possuir ou desenvolver certas habilidades e competências para se trabalhar com a Educação infantil.

De acordo com Ostetto, Oliveira e Messina (2001, p.134) “o ato de escrever o vivido desencadeia um processo reflexivo, no qual a vivência restrita e singular torna-se pensamento sistematizado, apropriação de conhecimento”. Portanto não é tarefa fácil a construção de um diário de bordo, mas é de suma importância registrar de forma geral as experiências vividas tanto no estágio como no cotidiano escolar, certas informações servirão de base para a construção pessoal e profissional do educador.

“[...] atividade que foi bem produtiva em todos os aspectos. Nessa atividade os alunos assistiram a um episódio do Sitio do pica pau amarelo, em seguida distribuimos os fantoches dos personagens do Sitio entre eles e todos tiveram a oportunidade de contar ou imitar a fala daquele personagem.” (Diário de Campo do dia, 18/04/2013)

3.4. Diálogo com as professoras da instituição/turma campo de Estágio

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se de observação no estágio supervisionado III e realizações de conversas informais com as professoras da Creche Amenaíde Santos frente a importância da prática pedagógica na Educação Infantil.

Do diálogo, foi possível verificar que elas entendem que a creche é um espaço educativo. Este resultado vai ao encontro do que afirma Campos *et al* (1998), que, no decorrer da história da educação brasileira, o atendimento nas creches passou de assistencial a educacional. Mudar a concepção de educação assistencialista envolve assumir as especificidades da Educação Infantil e rever concepções sobre a infância, as relações entre classes sociais e às responsabilidades da sociedade.

Duas professoras mencionaram durante o diálogo informal que a creche é importante para a comunidade, pois promove o cuidar e o educar; e ainda responderam que a creche é importante principalmente para os pais que trabalham.

As professoras da sala em que realizei o estágio expuseram que a creche é importante para a criança se socializar.

A maioria das crianças começam a frequentar as creches ou pré-escolas antes dos três anos de idade, o que, para Campos *et al* (1995, p. 88). “Indica uma sensível modificação nas atitudes familiares quanto ao significado atribuído a equipamentos para educação e cuidado de crianças pequenas”. Ou seja, no contexto da sociedade atual, as atribuições das creches e pré-escolas são maiores, porque abarcam também as atribuições que as famílias não podem mais exercer. A jornada de trabalho dos pais e a falta de tempo fazem com que os mesmos deixem os filhos nas creches ainda bebês.

Com relação como a família tem contribuído no aprendizado da criança na creche em pesquisa, as professoras responderam que os pais poderiam participar mais, pois os pais depositam confiança na creche, e nas professoras e raramente perguntam algo sobre a criança só quando ficam doentes.

Quando a escola e a família mantêm um relacionamento direcionado ao bem-estar da criança, com valores semelhantes, propiciando o bom aprendizado da criança, as dificuldades, que eventualmente surgirem, poderão ser amenizadas. Segundo Piletti (2003, p. 111), “Um diálogo verdadeiro entre pais e professor é [...] indispensável, porque o desenvolvimento harmonioso das crianças implica uma complementaridade entre a educação escolar e educação familiar”. O êxito do processo educacional depende, e

muito, da atuação e participação da família, que deve estar atenta a todos os aspectos do desenvolvimento do educando.

Para Oliveira et al (2001), a abertura da creche para a participação da família significa reconhecer que ela é um dos contextos em que ocorre o desenvolvimento da criança, que deve ser compartilhado com a família. Isto implica compartilhar os sucessos e as dificuldades que se apresentam e, acima de tudo, compartilhar o processo de cuidar e educar a criança em sua etapa de vida, visando o seu crescimento e desenvolvimento saudável, formando cidadãos responsáveis pelo seu viver em sociedade.

O espaço físico, materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e mobiliários são componentes ativos do processo educacional que refletem a concepção de educação assumida pela instituição. Cabe ao educador preparar o ambiente para que as crianças possam aprender de forma ativa na interação com outras crianças e com os adultos. De acordo com Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998, p. 58), “o espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem”. O espaço deve ser pensado e rearranjado, considerando as diferentes necessidades de cada faixa etária, assim como as diferentes atividades que estão sendo desenvolvidas.

Foi observado quanto ao corpo docente que as professoras todas são graduadas em Pedagogia e concursadas, a creche apresenta material didático que favoreça um ensino mais lúdico durante os primeiros anos da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do Estágio Supervisionado em Educação Infantil realizado na Creche Amenaíde Santos, foi gratificante e de grande importância, de maneira que contribuiu para minha prática pedagógica, pois foi possível colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos durante o curso de pedagogia. Porém, despertei mais ainda o interesse em desenvolver uma aprendizagem significativa, inovadora e criativa, ocupando um lugar de um agente de transformações junto às crianças.

Vale ressaltar que o estágio contribuiu bastante para minha formação enquanto aluna e educadora. Mediante a prática procurei desempenhar o papel de uma educadora, que busca formar cidadãos críticos e conscientes na sociedade.

O processo vivido nesse percurso me fez compreender a importância deste momento para a formação docente, uma vez que abre possibilidades de resignificar os saberes, refletir sobre a nossa conduta e construir a nossa identidade enquanto pedagogos. Acredito que a atividade de estágio nos trouxe a aproximação de relacionar a teoria com a prática estudada, revelou-se também como oportunidade para responder vários questionamentos indagados por nós durante o curso.

ABSTRACT

The present work, carried out from the Supervised Internship III of the UEPB Pedagogy course, aims to analyze contributions of the Internship, for there sizing of a teaching experience (my own experience), at this same level of education. The Observatory Stage, as it is also called, is the observation of the organizational reality of the nursery and pre-school, in its social, political and pedagogical aspects. Involving children between the ages of 02 and 03, the training course was held at Creche Amenaide Santos, located in the Santa Rosa neighborhood, in the city of Campina Grande-PB, in the year 2016. In the methodological course outlined, we opted for a qualitative nature, and a research-action. During the in ternship period, we were able to understand the relevance of this experience to consolidate the knowledge acquired through out the teaching life, as future pedagogues. Thus, Supervised Internships become essential in the process of teacher training, as it provides conditions for a close relationship with the environment that involves the daily life of a teacher. Whether it is for observation or performance, it is important for practitioners not to crystallize idealized views of educational practice, sometime sutopian, but a vision supported by direct contact with children and in relationships with daily school life . In addition, the Internship also enables those Who already practice teaching tore visit their own teaching work, with a view tore sizing this task. We conclude, among others, that the Internship is necessary in the academic formation of education professionals, and that there flexive exercise must be increasingly intensified in this experience that surpasses the academic walls.

Keywords: Supervised Internship ; Child education; Pedagogical Practice.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria Malta, ROSEMBERG, Fúlvia e FERREIRA, Isabel M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1995.

CAMPOS, Maria Malta. **Educar e cuidar**: questões sobre o perfil do profissional de educação infantil. Brasília: MEC / SEF, 1994.

DIÁRIO DE CAMPO, Memórias vivenciadas na sala do infantil III, na escola Centro Educacional Turminha do ABC, Campina Grande. 2013.

KISHIMOTO, T.M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira- Thomson Learning, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2006.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes *et al.* **Creches: crianças faz de conta**. Petrópolis: Vozes, 2001.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil: Saberes e fazeres da formação de professores **In: O estágio curricular no processo de torna-se professor**. Campinas, SP; Papyrus, 2008. P. 127-139.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes *et al.* **Creches: crianças faz de conta**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PILETTI, Nelson, **Sociologia da educação**. São Paulo: Ática, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.